

De volta, a velha moda das citações

MOACIR WERNECK DE CASTRO

As citações estão na moda, então vamos a elas. Dizia Thomas Love Peacock: "Para mim, livro que não fornece citações não é livro — é brinquedo". No que estava de acordo com Voltaire, segundo o qual "um dicionário sem citações é um esqueleto". "Wilde e Shaw tinham citações já prontas à medida que escreviam" — quem observa é a dupla J. M. e M.J. Cohen, num livrinho que, se eu lhe citasse o título, me deixaria de calva à mostra (expressão muito usada por João do Rio, que era careca). A medida que vou citando, vem a pêlo — como costumava dizer o meu bisavô Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, festejado autor da "Memória sobre a Fundação de uma Fazenda" — mencionar aquela frase de Fielding: "Encher uma obra com essas migalhas pode considerar-se uma completa fraude para com os homens cultos, que se vêem obrigados a comprar pela segunda vez, em fragmentos e no varejo, o que já tiveram por atacado, senão em suas memórias, pelo menos em suas estantes". Mas, paciência. De resto, como dizia Gide, "grande e rara virtude é a paciência, é saber esperar e amadurecer..." Buffon, a esta altura, não escapa: "Le génie est une longue patience".

Na premente necessidade de abrir um parágrafo, ocorre-me citar Stefan Zweig, para quem o segredo da arte de escrever está na transição: como passar de um assunto a outro. Pode parecer que eu esteja no mato sem cachorro, conforme reza o adágio popular. Mas citação puxa citação, Deus ajudando, e lembro que Silvio Romero, em sua "História da Literatura Brasileira", também as fazia, abundantes e extensas, dizendo por exemplo: "Fiel ao meu método de dar a ler de cada autor um trecho típico, ofereço de Taques o pedaço que dá conta...", etc., etc. Assim, de pedaço em pedaço, o que aqui vou compondo é um mosaico, ou, se quiserem, uma colagem à maneira de Kurt Schwitters.

Por falar em artes plásticas, vem-me à memória uma passagem da vida de Johann Wolfgang von Goethe, aquele que se encontra hoje no centro das preocupações nacionais — exatamente por causa de uma citação de que foi objeto. Pois Goethe queria ser pintor; achava-se com razoáveis qualidades; mas desistiu. E sabem por quê? Porque uma grande amiga sua, a pintora Angelica Kauffman, abriu-se um dia com ele: "Meu caro Goethe, você sabe ver admiravelmente". E mais não falou a moça, mas a bom entendedor meia palavra basta: "intelligenti satis", ou "intelligenti pauca", segundo preferiu Cícero. E o poeta meteu o pincel no saco, como dizia Pedro Américo. Aliás, essa Angelica, bonita mulher e artista de talento, caiu num logro lamentável, segundo registra E. Bénézit: "Um jovem estrangeiro, fazendo-se passar pelo conde sueco de Horn, lhe fez a corte e Angelica consentiu em desposá-lo secretamente. Depois da cerimônia, ela teve a desagradável surpresa de constatar que tinha sido vítima de um tratante, e que seu marido não era senão o criado do conde". É a doce fraqueza de tantas mulheres, exemplificada por Gilberto Amado: "Julieta, que era de uma das melhores famílias de Verona..."

Bem, mas voltemos a Goethe, que é o meu verdadeiro filão ou trilha nesta nova floresta, como diria o padre Manuel Bernardes. Mário de Andrade mencionava essas figuras "que por mais mortas já, mais do passado, dão sempre a impressão de inacabadas: Goethe, por exemplo, pra subir de um pulo às supremas grandezas". Inacabado ou não, era um homem. "Voilà un homme!", exclamou Napoleão depois de encontrá-lo. Opiniões dissonantes havia, é claro, como a que se atribui a Beethoven, que, decepcionado, dizia: "Pensei que ele era o príncipe dos poetas, mas vejo que é o poeta dos príncipes." Trata-se da dialética do amigo e do inimigo, já prevista por Hegel.

A propósito de dialética, Lênin também citava Goethe. E em russo mesmo: "Teoria seria, no vetchno zelenoe derevo jizni." (Alô, Boris Schnaiderman, confere a transliteração? Obrigado pela sua referência à tradução de "O Jogador", de Dostoievski.) Não procedia como Jânio Quadros, que põe epígrafes de Maeterlinck e Platão na língua de Shakespeare, aquele de "words, words, words" ...

Alfonso Reyes comenta no mesmo sentido: "Goethe era um poeta da experiência imediata — Lebensdichter — e é na experiência imediata que se deve buscá-lo, deixando que a harmonia final se recomponha sozinha." "Wunderbar!", como qualificaria "Der Spiegel". Mas quem explica melhor a qualidade da poesia desvinculada da razão pura de Kant é o próprio poeta de Weimar, quando exclama: "Lord Byron is nur gross, wenn er dichtet; so bald er reflektiert ist er ein Kind." Arturo Farinello explicita: "Dovunque è fomento di poesia, vicino, lontano, egli porta il suo giudizio sereno."

As citações, sustentava o erudito professor mineiro Jubileu de Almeida, são facilmente suscetíveis de emprenhar as pessoas pelos ouvidos. Opinião abalizada, por certo. E que me lembra, por associações de idéias, uma original faculdade das éguas de Lisboa. Desta vez vou citar a fonte, senão não me acreditam. Lê-se no verbete "égua", da "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira": "Uma tradição da antiguidade registrada por Plínio-o-Velho, na História Natural (liv. 4.º, 35.º, V, 4, e liv. 8.º, 68.º, 1), dizia que as éguas de Lisboa concebiam do vento, voltando-se para o lado donde soprava a aragem do poente, e por esse motivo davam origem a crias muito velozes. Plínio recolheu esta tradição de Marco Terêncio Varrão (De re rustica, liv. 2.º), que diz ser a coisa incrível, mas verdadeira. Torquato Tasso aproveitou a tradição e dá como nascido em Lisboa o fogoso corcel de Raimundo, na sua Jerusalém Libertada."

Cada um cita como pode e de onde pode. Há nesse campo os Montaigne, como também os Leitão de Abreu. Com tais exemplos e instigações, os leitores que me perdoem, mas eu não podia deixar de perpetrar este artigo. Nem de encerrá-lo sem assinalar que, no mais impressionante documento jurídico destes dias — a representação do juiz-corregedor Lobão Ferreira sobre o atentado terrorista do Riocentro — não se encontra nem uma só citação literária para amostra.